

O COTIDIANO DA CASA-GRANDE NOS ESPAÇOS DO FEMININO: RESISTÊNCIAS E PODER NA SEXUALIDADE EM MENINO DE ENGENHO E DOIDINHO

Olindina Ticiane Sousa de Araújo¹

Universidade Estadual da Paraíba-UEPB

ticiane2606@hotmail.com

Resumo: As dimensões da casa-grande, em sua arquitetura pensada para os trópicos, traz nas estruturas físicas de suas particularidades, a exemplo da cozinha, quartos, sala de jantar, quarto dos santos, sala de estar e outros cômodos, elementos e organizações decorativas que em muitos aspectos revelam práticas de resistências e relações de poder entre representações de identidade masculina e feminina, coexistindo em um mesmo espaço de vivências cotidianas. A partir dessas observações, percebemos ser possível identificar resistências nos comportamentos como, também, submissões de sexualidade no cotidiano e o poder masculino imperando nas decisões sobre os arranjos e condutas femininas, mediante discursos machistas e segregacionais posicionados na esfera social de determinado contexto histórico. Pois, metodologicamente, a literatura de José Lins do Rego, escritor paraibano, com ênfase especial nos romances de *Menino de Engenho* e *Doidinho*, são em certa medida leituras memorialista de uma época e que permitem pensar o cotidiano, os discursos de poder sobre mulheres e os lugares sociais construídos para as mesmas em um tempo não muito distante do nosso. Deste modo, em termos atuais, nota-se a evidente necessidade de discutirmos sobre as conjunturas socioespaciais das mulheres dos romances de José Lins do Rego, mediando olhares projetados para questões fundamentais. Logo, é importante refletir sobre quem são esses homens e mulheres e como o cotidiano da Casa-Grande, juntamente com os discursos de poder, interferem na sociedade ao ponto de nortear suas vidas presas pelas particularidades na maneira de se vestir, comer e organizar suas existências. Sendo assim, este trabalho está conduzido pelos referenciais teóricos de Michael de Certeau, Michael Foucault, Andréa Lisly Gonçalves, Mary Del Priore, dentro outros, estabelecendo, pois, diálogos com o projeto Pibic intitulado *As maneiras de morar nas obras de José Lins do Rego: os espaços dos afetos e da sexualidade*.

Palavras-Chave: Casa-Grande. Cotidiano. Poder. Relações. Sexualidade.

Introdução

¹ Graduanda em História Licenciatura Plena pela Universidade Estadual da Paraíba, Campus de Campina Grande-PB.

Sobre estas circunstâncias anteriores descritas, convido-os a adentrar entre as particularidades da casa-grande, campo operatório às observações, de cuja arquitetura pensada para os trópicos. Mediante a proposta de comunicação possível e relevante, norteio as minhas inquietações em direção as possibilidades de diálogos entre a imaginação real das literaturas de José Lins do Rego e as maneiras de saber/fazer historiar...

Neste texto, propus-me a refletir sobre os espaços construídos, de um modo geral, para mulheres e homens em concordância aos contextos socioculturais apresentados pelas literaturas, às relações de empoderamento e de resistências às imposições orientadas a ambos os sexos. As particularidades dos espaços e das vivências no interior da casa-grande e os outros ambientes desse universo rural abrem caminhos fluidos sobre as práticas cotidianas e permitem evidenciar elementos que poderiam passar despercebidos, quando de suas importâncias interpretativas e simbólicas.

Com este trabalho, tem-se por finalidades pensar estas construções de espaços para o que se entender a feminilidade e a masculinidade dos indivíduos conectados às questões de gênero e sexualidade, no sentido de identificar as representações mediante as narrativas literárias de José Lins do Rego. Surge também o interesse de compreender os espaços da casa-grande e da sociedade como lugares que nos falam de sexualidade, identidades, relações de obediência ou resistência, além de atrelar elementos de uma discussão real com situações da literatura na tentativa de aproximá-la a nossa realidade, porém, não como uma tentativa de buscar verdade, mas como uma condição de imaginação real as situações e questões traçadas neste primeiro momento.

Em termos de metodologia, o trabalho escrito permite dialogar com posicionamentos teóricos, conceitos e leituras sobre o tema a partir da concepção de outros pesquisadores e pesquisadoras da área de gênero, sexualidade, história e história da cultura. Com tamanha seriedade, contorna um revisamento bibliográfico tecido pelos referenciais de Michel de Certeau, Michel Foucault, Mary Del Priore, Andréa Gonçalves, Sandra Pesavento, dentre outros (as).

Todavia, os fios condutos das ideias aqui presentes são, especificadamente, oriundos das duas primeiras literaturas de José Lins do Rego: Menino de Engenho (1932) e Doidinho (1933). Pode-se dizer que são livros acoplados na trilogia Menino de Engenho, Doidinho e Banguê (1934), projetando-os posteriormente na obra mais aplaudida de José Lins: Fogo Morto (1943). A escolha das duas obras é proveniente da identificação de que ambas continuam a serem narrativas entrelaçadas.

Nota-se uma constante dependência do eu/memorialistas/narrador em continuar a enfatizar os relacionamentos e relações entre as pessoas, os acontecimentos, as coisas e esse universo rural patriarcal e conservador condicionado a permanecer na memória e na escrita do autor. Por assim dizer, a primeira obra trata da infância/puberdade com a iniciação da vida sexual de um garoto de 12 anos, e a segunda remete a adolescência do mesmo personagem principal Carlos de Melo: o menino de engenho, o menino doidinho.

Diante disso, o texto vai ganhando corpo conforme as leituras provenientes dos olhares em torno das intimidades, do cotidiano, das relações de (in)diferenças, resistências, autonomia, sexualidades colhidas de várias dimensões da casa-grande em suas particularidade de fazer existir em um contexto temporal não mais nosso, porém ainda não totalmente desconectado de determinadas práticas, imposições e interpretações do que deve ser entendido como coisas de mulher e de homens.

Sobre Menino de Engenho e Doidinho

No dia 03 de junho de 1901, não se sabe se fazia chuva ou sol na ocasião, nascera no Engenho Corredor, localizado no município de Pilar, o escritor paraibano conhecido entre os mais íntimos por Zé Lins, pelos seus comentadores como o eterno menino de engenho e por aqueles entusiasmados leitores de primeira viagem por o seu nome de batismo: José Lins do Rego Cavalcanti.

O convívio com o universo rural do Nordeste brasileiro permitiu-lhe resguardar as memórias íntimas de sua infância, puberdade e juventude nas escritas dos romances do ciclo-da-cana-de-açúcar, que falam de riquezas materiais, política, homens e mulheres e das vivências cotidianas dos engenhos e senzalas provenientes dos resquícios de histórias, intimidades e memórias do período de escravidão.

Seria por estes paralelos de mundo rural, senhores de engenho e senzalas que nasceria as obras literárias de José Lins do Rego, uma vez que já se revelava um autêntico escritor a partir do ano de 1923.

Menino de Engenho, livro de estreia publicado em 1932, custeado pelo autor e, posteriormente, ganhador do prêmio da Fundação Graça Aranha, abriu os caminhos de José Lins do Rego para um mundo muito além dos engenhos de açúcar, cachaça ou rapadura e de seus personagens, que ora se misturam a uma imaginação possível de ter sido um dia realidade.

Este mesmo romance é demarcado por uma cronologia linear pessoal correspondente aos doze primeiros anos do personagem Carlinhos. A narrativa traz em sua essência os acontecimentos corriqueiros do cotidiano no engenho do avô José Paulinho até as questões de caráter íntimo e de perdas afetivas significativas, como a morte precoce da personagem Clarisse, sua mãe e filha de José Paulino, e as iniciativas sexuais prematuras de um garoto de 12 anos com sexualidade de homem definida, mas corpo e jeito de criança carente de afetos.

Doidinho (1933) é um livro de narrativa mais extensa, se comparado a primeira obra de José Lins, e foi publicado um ano posterior a *Menino de Engenho* (1932). A história retrata, dentre outras situações, as experiências de adolescente de Carlos de Melo (Carlinhos), onde grande parte das cenas são desenvolvidas no internato de Itabaiana e no Engenho Santa Rosa. É uma narrativa cuja dependência do cenário rural de *Menino de Engenho* ainda é presente.

O personagem Carlos de Melo inicia as suas experiências com os valores, influências e prestígios provenientes do patriarcalismo rural e da economia do açúcar. Além do mais, em um primeiro momento, “Doidinho” externaliza prontamente as suas afeições para com o senhor de engenho, seu avô José Paulino, o idealizando enquanto o modelo autêntico de patriarca, político e intelectual pertencente a sua realidade. Em uma segunda instância, essas ideias se concretizam nos estudos e preparatórios do internato.

Portanto, nota-se certa dependência do eu-memorialista-narrador em interligar as histórias, quando da conexão permanente entre pessoas, fatos, ambientes rurais e os Carlinhos, do engenho e do internato em um só personagem. Talvez seja essa simplicidade da escrita e, ao mesmo tempo, a genialidade para usar as palavras certas, no momento certo que garanta ao escritos essas descobertas entre imaginação e memórias.

Clio e Literatura no mesmo papel

As possibilidades de estudos promovidos pela História Cultural, no referente ao uso de fontes diversas, nos permitem também estabelecer diálogos, às vezes próximos outros distantes, entre História e Literatura.

Dentro deste patamar, as discussões entre História e Literatura acontecem no âmbito da História Cultural e é favorecida por um plano epistemológico capaz de aproximar as diferentes concepções de discursos sobre as situações mais diversas do mundo e entender como estas aproximações e distanciamentos podem fazer parte de uma imaginação real

conforme os lugares de onde são extraídas as perguntas, mas sem a pretensão de tomar a verdade sobre o passado em sua integridade. Isso é possível, pois:

Nessa medida, é a História que formula as perguntas e coloca as questões, enquanto que a Literatura opera como fonte. (...) Não se trata, no caso, de estabelecer hierarquia entre História e Literatura, mas sim de precisar o lugar de onde se faz a pergunta. (PESAVENTO, 2004, p.82).

Aos historiadores resta-lhes saber manusear uma cronologia fluida, não visível e muito menos tocável em virtude do distanciamento entre presente e passado.

Em termos gerais, pode-se dizer que a proposta da História Cultural seria, pois, decifrar a realidade do passado por meio das suas representações, tentando chegar àquelas formas, discursos e imagéticas, pelas quais os homens expressaram a si próprios e o mundo. (...) Este seria, contudo, o grande desafio para a História Cultural, que implica chegar até um reduto de sensibilidades e de investimentos de construção do real que não são os seus do presente. (PESAVENTO, 2004, p.42).

Conforme sendo, o historiador cultural organiza as pistas como um detetive, interrogando, registrando, datando, desorganizando até chegar à criação de um mundo possível, relevante, realizáveis e às vezes inédito, visando reconstruir, por meio das fontes enquanto representações, um passado de outros. Para Sandra Pesavento (2014, p.43), “A História Cultural se torna, assim, uma representação que resgata representações, que se incumbe de construir uma representação sobre o já representado”.

A historiografia permite recriar um mundo ou mundos em concordância a uma variável capacidade de aproximar a realidade das representações identificadas, por exemplo, na literatura de José Lins do Rego, porém sem reconhê-las como um retrato fidedigno de uma época passada, uma vez que “(...) História e Literatura são formas de dar a conhecer o mundo, mas só a História tem a Pretensão de chegar ao real acontecimento”. (PESAVENTO, 2004, p.55).

Entretanto, torna-se importante deixar claras as diferenças epistemológicas entre História e Literatura, pois Roger Chartier (2009) considera haver, hoje, muitas razões turvas e fatores obscurecidos responsáveis por estabelecer confusões entre as diferenças narrativas e técnicas da História e Literatura, pois algumas ficções se aproveitam dos métodos e técnicas do fazer história para inventar a ilusão de um discurso histórico no texto. Uma das primeiras inquietações do autor seria “(...) a evidenciação da força das representações do passado propostas pela literatura”. (CHARTIER, 2009, p.25).

Ao lidar com a literatura, enquanto fonte, é preciso ter os mesmo cuidados quando do uso de outros recursos materiais, por exemplo. É importante observar com atenção o texto literário em sua integralidade, notando as regras de escrita, a estética da narrativa, os elementos de criatividade do autor e as pontes que levam a estabelecer reflexões sobre a realidade e as representações dessa realidade. Pois,

Meio a esse complexo caleidoscópio de imagens e representações, cabe-nos reunir e aproximar informações, às vezes, dispersas, fragmentadas e afastadas, interpondo-as e transpondo-as ao buscar inteirar-se de um mundo que foi e não é mais e as suas circunstancialidades, na procura de assimilar, digerir e interpretar os sinais que se dão a ler (...) (BORGES, 2010, p. 106).

Sendo assim, a literatura torna-se um campo fecundo de possibilidade para se trabalhar, já que garante o acesso a diferentes pontos do imaginário, na condição em que outras fontes talvez não ofereçam a viabilidade.

A Casa-Grande e Seus Espaços: uma visão sociocultural

A casa-grande, sendo também grande em sua infinidade de elementos e simbolismos interligadas as suas edificações e funcionalidades, foi pensada para atender as demandas de um sistema patriarcal brasileiro conectado a uma estrutura caracterizada pela família rural liderada pelo patriarca, por arranjos econômicos, sociais e políticos, por práticas cotidianas de trabalho, vida íntima e ressignificação de culturas e da fé entre “gente da sala” e a “gente da senzala”, em outras palavras, gente branca, preta e de outras cores.

O contexto das literaturas enfatizadas corresponde aos anos finais do século XIX e as posteriores décadas do século XX. Vale ressaltar que as literaturas de *Menino de Engenho* e *Doidinho* nos permite acessar uma imaginação alusiva aos períodos de crise da economia açucareira no Nordeste do Brasil e a crise econômica, social e política de muitos latifundiários donos de terras, gado e plantações de cana-de-açúcar da Paraíba e Pernambuco, assim como uma análise do caminho furtivo pela falência breve do sistema patriarcalista.

Nestes espaços da casa-grande encontramos na mobília, cores dos objetos, decorações, utensílios, pertences pessoais, as identidades, as marcas de seus habitantes e com elas uma séria de interpretações e símbolos que nos contam sobre as intimidades, as arrumações capazes de descreverem ideias, papéis sociais, representações de sexualidades e a amostra de valores considerados legais e justos à determinada sociedade. Para Certeau (1998, p.203), “A casa da gente é antes de tudo o lugar em que a gente se sente em paz onde se repetem dia a dia

os gestos elementares da arte de fazer. É um lugar próprio que, por definição, não poderia ser o lugar de outrem”.

As divisões da casa-grande existem para atender as necessidades de seus moradores e, também, pessoas agregadas. Logo, nestes ambientes da cozinha, quarto dos santos, sala de jantar, sala de jantar e demais aposentos encontramos as relações de afetividades, resistências e empoderamento entre homens e mulheres. No dizer de Barros e Couto (2012, p.98), “A casa vai além da estrutura física que combina piso, paredes e teto: ela é a extensão da vida de quem nela habita. Cada indivíduo vivencia histórias no interior do espaço construído, o que torna a arquitetura um lugar repleto de significado”.

Nestes entremeios discursivos, pode-se mencionar que as narrativas literárias de *Menino de Engenho* e *Doidinho*, partindo da ideia de uma imaginação recheada por memórias do autor, recortam e apresentam aos leitores desenhos particulares desse universo rural da casa-grande, dos engenhos, da senzala e, paralelamente, da vida frenética da cidade nos moldes do século passado, onde mulheres e homens edificam lugares sociais e estes ainda controlam e determinam os passos daquelas destinadas a casar, a seguir uma vida religiosa ou se submeter à sombra do pai até os últimos dias de vida.

Diante disso, a casa se assume enquanto um elemento importante à vida e a sobrevivência, embora que a sua estrutura e os arranjos domésticos continuem presos às representações femininas mediante um conjunto de padrões, conceitos, ideias e valores, tornando, quase sempre, indissociáveis corpos e objetos contidos nesses espaços.

Sexo, Sexualidade e Afetividade nas Literaturas

Quando as discussões giram em torno das questões de gênero e sexualidade, as atenções se voltam para a necessidade de pensar o sexo como uma produção cultural e entender o corpo como uma variante.

O que se deve entender como ser mulher ou homem em uma sociedade ainda com características do patriarcalismo? Talvez houvesse uma necessidade de fugir de tudo que lembrasse parte de um todo da feminilidade explícita: o tom de voz, as vestimentas, o comportamento, o movimento do corpo, enfim, tudo que não fosse músculos definidos, voz áspera e a expressão nítida de atitudes brutas. Assim,

O corpo masculino é pensado como um corpo instrumental, um corpo a serviço de si mesmo, autocontrolado, autocentrado, autoerotizado, autista, fechado, travado. O corpo masculino teme a fuga, teme o desejo, teme o afeto, teme tudo que o possa arrastar para fora de si

mesmo, possa gerar o descontrole, a abertura, a fragmentação, a viagem. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2010, p. 23).

Todavia, as identidades são formadas mediante um conjunto de representações e contextos socioculturais. Entretanto, os confrontos de identidades acontecem no momento em que um sistema ou um complexo de sistemas, em suas estruturas internas, exhibe opiniões divergentes e densas.

Nas narrativas literárias em uso, observa-se o afloramento da sexualidade precoce dos personagens, ambos o mesmo Carlos de Melo. Entre as fases de 12 e 14 anos, o menino Carlos inicia a sua vida sexual, apesar da imaturidade, sendo apto a descrever as partes sensuais dos corpos femininos e relacioná-los aos padrões de beleza desejados à época. Segue os exemplos:

Tinha o mestre uma mulher morena e bonita, que me beijava todas as vezes que eu chorava, que me fazia as vontades: chamava-se Judite. (p.46).

Maria Clara, com aqueles seus cabelos em cachos e uns olhos grandes e redondos, me fizera esquecer o carneiro e os passeios solitários. (p.107).

O sexo crescia em mim mais depressa do que as pernas e os braços. A negra Luíza fizera-se de comparsa das minhas depravações antecipadas. (p.116).

A mulher, com uns olhos azuis e uns cabelos de inglesa, era bem mais simpática. (p.14).

Era a mulher bonita, a mãe de Licurgo. (p.31).

Entende-se que a sexualidade corresponde às particularidades dos indivíduos e está atrelada as escolhas, fantasias e prazeres, interpretada enquanto essência do sujeito e como um dos fatores determinante à construção da personalidade do sujeito. Em *Menino de Engenho* (2008):

Só pensava nos meus retiros lúbricos com o meu anjo mau, nas masturbações gostosas com a negra Luísa. E comecei a querer-lhe um bem esquisito. Um bem que me arrastava ao rabo de sua saia para onde ela ia. E não gostava dos negros com quem se metia em cochichos. (...) Era um vício absorvente o meu pegadio com a negra Luísa. O sexo impunha-me essa escravidão abominável. (p.118).

Por outro lado, observa-se em *Doidinho* uma relação de afetividade entre pessoas do mesmo sexo, reconhecida pela existência de cuidados, atenção e sentimentos, que dar-se fundamentos a um relacionamento homoafetivo entre os personagens Clóvis e Augusto (Pão-Duro) e o namoro é revelando quando os colegas do internado os encontram na mesma cama.

O namoro de Pão-Duro dava na vista. Botava a cabeça de Clóvis nas pernas para catar piolhos. — Clóvis está empestado — disfarçava. — Estou limpando a cabeça do bichinho. E aquele catar de piolhos levava o recreio todo. Era quem arrumava a mala do menino, engraxava os sapatos, pregava os botões na roupa. (p.85).

A afetividade oriunda das relações entre mãe e filho, emerge a imagem feminina uma importância fundamental de cuidadora, dando-a relevância no espaço da casa e contribuindo para o desenvolvimento sentimental do menino Carlinhos, do engenho e do romance Doidinho, quando:

Todos os retratos que tenho de minha mãe não me dão nunca a verdadeira fisionomia que eu guardo dela — a doce fisionomia daquele rosto, daquela melancólica beleza do seu olhar. Ela passava o dia inteiro comigo. Era pequena e tinha os cabelos pretos. Junto dela eu não sentia necessidade dos meus brinquedos. Dona Clarisse, como lhe chamavam os criados, parecia mesmo uma figura de estampa. (...) E a saudade de minha mãe fez-me chorar (p.20-21).

Sendo assim, em termos de sexualidade e afetividade, mulheres e homens conquistam espaços significativos e indispensáveis no enredo, levando-nos a compreender as mulheres como personagens de personalidades marcantes e mais que gerenciadoras da vida doméstica: muitas são autênticas.

Os arranjos domésticos, a feminilidade resistente e a Fé “Unisex”

As literaturas de *Menino de Engenho* e *Doidinho* insistem em tratar de mulheres invisíveis, sujeitas a completarem tarefas determinadas a sua identidade de gênero e, algumas, tendo seus corpos, movimentos e compassos silenciados por atitudes e opiniões provenientes do sexo oposto. De acordo com Silva (2010, p.136, grifo do autor):

As sociedades de base patriarcal ou falocêntrica construíram esse mito da dependência da mulher em relação ao homem. (...) emancipação e liberdade das mulheres e demais categorias antes *oprimidas* pelos homens são constantes e penetram com maior força que em outras épocas nos debates em torno da questão, parte das mulheres continua presas- muitas têm consciência do fato- ao regime da dependência.

Ainda assim, evita-se se envolver com mulheres de “má fama”, por enxergar nestas a possibilidade de romper os paradigmas sexuais determinado pelo masculino e aceito nem muita resistência pelas mulheres “boas de casar”. “A mulher ‘tal como deve ser’, principalmente a jovem casadoura, deve mostrar comedimento nos gestos, nos olhares, na

expressão das emoções, as quais não deixará transparecer senão com plena consciência”. (PERROT, 2003, p.15).

No entanto, é notável o véu da feminilidade pairando sob muitos aspectos da vivência cotidiana da casa-grande. Estas observações repousam nos bordados das toalhas de mesa, cortinas, estampas de tecidos das peças de roupas femininas, nos álbuns de fotografia, jarros nos florais das louças, talheres e na própria organizam nos móveis. Para Carvalho (2008, p.105):

A síntese corporal entre a mulher e os objetos domésticos acontece de uma forma específica, diferente da masculina, e que denominamos ação centrífuga. (...) A presença feminina está em cada objeto da casa, não apenas na manutenção, mas no arranjo dos objetos no espaço, nas matérias-primas escolhidas, na educação dos empregados.

Embora a presença masculina seja atuante, as personagens mulheres, principalmente as mais recatadas e do lar, contornam a cena, quando da enchente que assola o engenho: “E a minha tia Maria distribuiu por aquela gente toda a carne-de-sol e o arroz que nos trouxeram. Eles pareciam felizes de qualquer forma, muito submissos e muito contentes com o seu destino”. (p.43).

As relações de poder entre mulheres e homens e a influência das condições econômicas continuam a se externalizar nos acentos na mesa de jantar, por exemplo: “Na grande mesa de jantar (...) o meu avô ficava do lado direito e a minha tia Maria na cabeceira (...) outros homens, de aspecto humilde, ficavam na outra extremidade, comendo calados”. (p.41). Esta condição se modifica com a visita de Antônio Silvino. “Ele à cabeceira, e os cabras por ordem, todos calados, como se estivessem com medo. Só ele falava, contava histórias (...)”. (p.33).

A cozinha é uma dimensão da casa feminina em sua essência. Ela torna-se espaçosa, criativa e funcional, onde as informações começam a chegar primeiro. “Nas cozinhas das casas-grandes vivem as brancas e as negras, nessas conversas como de iguais. As brancas deitadas, dando as cabeças para os cafunés e a cata dos piolhos”. (p.119).

Pode-se dizer que se trata de um espaço da casa onde as mulheres determinam as funções sem interferências de outrem. “A velha Generosa cozinhava para a casa-grande. Ninguém mexia num cacareco da cozinha a não ser ela. E viessem se meter nos seus serviços, que tomavam gritos, fosse mesmo gente da sala”. (p.73).

A religião da casa-grande parece não ter “sexo”, já que não havia o hábito diário pela reza. Pois, “(...) o quarto dos santos vivia fechado. Não havia no engenho o gosto diário da

oração. (...) Mas nunca vi ninguém do engenho numa mesa de comunhão, nem mesmo a tia Maria”. (p.54-55).

Sendo assim, observa-se que, por mais que seja a representação masculina dentro e fora da casa enquanto identidade fortalecida ímpeto social da época, as mulheres das narrativas literárias e outras da vida real conseguiram apresentar suas potencialidades e “jogos de cintura” sem se submeter, em muitos casos, as determinações de ordem do sexo oposto, impondo as suas próprias regras e comando dos seus corpos.

Considerações Finais

Em últimas palavras, é notório que as concepções em torna da decoração da casa, as vestimentas, os modos de comer, as experiências sentimentais e funcionais da cozinha, dos quartos e salas, por exemplo, direcionem os artefatos às construções de personalidades e de sexualidades, condicionando estes relacionamentos de objetos e corpos de uma maneira indissociável e interligada as identidades múltiplas dos sujeitos, podendo estes fatores serem observados por intermédio de uma construção história, sociológica, cultural, literária, dentre outras possibilidades.

No mais, compreende-se a familiarização dos elementos domésticos como espaços definidos para mulheres provenientes de um conjunto de valores, regras corporais e atitudes que determinam gênero e torna indissociáveis os objetos existentes na casa ao movimento dos corpos habitados nesses espaços caseiros. “*As mulheres para mim eram revelações. As duas caras mais bonitas que eu tinha conhecido seriam as de Maria Luísa e Maria Clara. E d. Judite também. Mas que belezas quase ridículas na frente das mulheres do cinema! Lindas, andando diferente das outras, (...). Aquilo, sim, que eram mulheres de verdade*”. (p.120).

Porém, nem sabia esse narrador que as personagens D.Emília, Tia Maria, a mãe de Licurgo, as negras Luíza e Zefa Cajá e outras tantas redefiniram as dimensões de seus espaços e conquistaram valores próprios, edificaram memórias e importância na literatura do menino de engenho, do menino doidinho.

REFERÊNCIAS

BORGES, Valdeci Rezende. História e Literatura: Algumas considerações. **Revista Teoria da História**. Goiás-GO. Ano 1, n. 3. P. 94-109, jun.2010.

CARVALHO, Vânia Carneiro de. **Gênero e Artefato: O Sistema Doméstico na Perspectiva da Cultura Material**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Fapesp, 2008.

CERTEAU, M. de; GIARD, L.; MAYOL, P. **A invenção do cotidiano: morar, cozinhar**. V 2. Petrópolis: Vozes, 2011.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

DEL PRIORE, Mary. História das Mulheres no Brasil. In:___ VAINFAS, Ronaldo. **Homoeristismo Feminino e o Santo Ofício**. 9º ed. 2º impressão. São Paulo: Contexto, 2010, pp. 115-140.

GONÇALVES, Andréa Lisly. **História e Gênero**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MATOS, Maria Izilda Santos de; SAIHET, Rachel. O Corpo Feminino em Debate. In:___ PERROT, Michelle. **Os Silêncios do Corpo da Mulher**. São Paulo: editora UNESP, 2003, pp. 13-28.

MACHADO, J. C. S; SANTIAGO, I. M. F. L; NUNES, M. L.S. (orgs.) Gêneros e Práticas Culturais: desafios históricos e saberes interdisciplinares. In:___ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Máquina de Fazer Machos: gênero e práticas culturais, desafios para o encontro das diferenças**. Campina Grande: editora EDUEPB, 2010, pp. 21-34.

MACHADO, J. C. S; SANTIAGO, I. M. F. L; NUNES, M. L.S. (orgs.) Gêneros e Práticas Culturais: desafios históricos e saberes interdisciplinares. In:___ SILVA, Antonio de Pádua da. **Perfis das Personagens Mulheres da Literatura Brasileira de Autoria Feminina: dependência, vingança, solidão**. Campina Grande: editora EDUEPB, 2010, pp. 133-152.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PONTES, Maria das Neves Alcântara de. **O Perfil Feminino em Menino de Engenho, de José Lins do Rego: uma abordagem sócio-linguística-cultural nos anos 30- de Casa-Grande à Senzala**. PG Letras 30 anos. Vol. I (1), pp. 39-53. Disponível em:<<http://www.pgletras.com.br/Anais-30>> Acesso em: 16 maio 2017.

REGO, José Lins do. **Menino de Engenho**. 96ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

REGO, José Lins do. **Doidinho**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

SILVA, Sergio Gomes da. **A Crise da Masculinidade: uma crítica à identidade de gênero e à literatura masculinista**. Psicologia, Ciência e Profissão, 2006, 26 (1), pp. 118-131. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v26n1/v26n1a11.pdf>> Acesso em: 16 maio 2017.

ZABALBEASCOA, Anatxu. **Tudo Sobre a Casa**. Tradução Maria Alzira Brum Lemos. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.